

TRABALHOS DE PESQUISA

UM ESTUDO ACERCA DO PAPEL DA PSICOLOGIA PERANTE OS IMPACTOS DA HOMOFOBIA INTERNALIZADA EM HOMOSSEXUAIS

A STUDY ON THE ROLE OF PSYCHOLOGY IN THE IMPACTS OF INTERNALIZED HOMOPHOBIA IN HOMOSEXUALS

UN ESTUDIO SOBRE EL PAPEL DE LA PSICOLOGÍA EN LOS IMPACTOS DE LA HOMOFOBIA INTERNALIZADA EN HOMOSEXUALES

Vinícius Eduardo Santos Duarte¹  Glênia Lara Diniz Jorge Melo² 

Resumo: O objetivo deste estudo é compreender, por meio de pesquisa bibliográfica, como a homofobia internalizada pode impactar na subjetividade de pessoas homossexuais e elucidar a atuação e os atravessamentos éticos da psicologia para a superação de tal impasse. Para tanto, será elucidado, por meio de um recorte sócio-histórico da Antiguidade grega, Idade Média e Modernidade, como as opiniões da sociedade se modificaram sobre a homossexualidade até a contemporaneidade. Após essa contextualização, será apresentada a concepção contemporânea de homofobia e suas múltiplas manifestações. Em seguida, o artigo discorrerá sobre o fenômeno da homofobia internalizada, seus impactos e principais influências na vida de pessoas homossexuais. Como pretensão final, serão clarificadas contribuições e diretrizes éticas importantes para a atuação da psicologia frente à temática.

Palavras-chave: Homossexualidade; Homofobia; Homofobia Internalizada; Ética.

Abstract: The objective of this study is to understand, through bibliographic research, how internalized homophobia can impact the subjectivity of homosexual individuals and elucidate the role and ethical interventions of psychology in overcoming such an impasse. To this end, a social-historical overview will be provided covering Greek Antiquity, Middle Ages and Modernity, to illustrate how the societal opinions on homosexuality have evolved up to the contemporary period. Following this contextualization, the contemporary conception of homophobia and its multiple manifestations will be presented. The article will then discuss the phenomenon of internalized homophobia, its impacts and main influences on homosexual individuals' lives. Finally, important contributions and ethical guidelines for the practice of psychology in addressing this theme will be clarified.

Keywords: Homosexuality; Homophobia; Internalized Homophobia; Ethics.

Resumen: El objetivo de este estudio es comprender, a través de una investigación bibliográfica, cómo la homofobia internalizada puede impactar la subjetividad de las personas homosexuales y dilucidar las acciones y cruces éticos de la psicología para superar tal impasse. Para ello, se dilucidará, a través de un panorama sociohistórico de la Antigüedad griega, la Edad Media y la Modernidad, cómo han ido cambiando las opiniones de la sociedad sobre la homosexualidad hasta la época contemporánea. Luego de esta contextualización, se presentará la concepción contemporánea de la homofobia y sus múltiples manifestaciones. A continuación, el artículo abordará el fenómeno de la homofobia interiorizada, sus impactos y principales influencias en la vida de las personas homosexuales. Como intención final, se aclararán importantes aportes éticos y lineamientos para el trabajo de la psicología en este tema.

Palabras clave: Homossexualidad; Homofobia; Homofobia Interiorizada; Ética.



¹ Bacharel em Psicologia. Pesquisador autônomo. viniciusduarte.psicologo@gmail.com

² Especialização em Psicanálise: Clínica da Criança e do adolescente. Pesquisadora autônoma. glenialaramelo10@gmail.com

Introdução

A homofobia internalizada pode ser entendida como um fenômeno subjetivo construído por interações e influências sociais. O preconceito vivenciado contra si mesmo por parte de homossexuais tende a afetar inúmeros aspectos na construção de sua identidade, seus laços sociais, interrelações e percepções sobre os modos de vida atravessados pela cultura. Diante disso, este artigo propõe discorrer sobre como a homofobia internalizada pode impactar na subjetividade de pessoas homossexuais e elucidar as intervenções e atuações éticas dos profissionais da psicologia. Pretende-se, portanto, discorrer sobre os impactos e influências do fenômeno nos homossexuais, além de clarificar os impasses e diretrizes éticas que norteiam a atuação da Psicologia.

Para tanto, foi adotada como metodologia de estudo a pesquisa bibliográfica. Após investigações nos principais bancos de dados *on-line* como SciELO, PePsic e Google Acadêmico foram selecionadas as perspectivas de Colin Spencer (1996), as quais contribuíram acerca da construção sócio-histórica da homossexualidade; Daniel Borrillo (2010) com contribuições referentes ao fenômeno da homofobia; Marina Castañeda (2007) e Pedro Antunes (2016) que fundamentaram a explicação sobre a homofobia internalizada. Não obstante, demais autores relevantes na contemporaneidade como Michel Foucault, Ronaldo Alexandrino, Carvalho e Menezes, Júlio Pinheiro Faro, Marília de Camargo César e produções técnicas e normativas do Conselho Federal de Psicologia também foram utilizados para a complementação das ideias.

Para o entendimento sobre a temática é primordial que se apresente algumas questões. Primeiramente, o artigo abordará as modificações sócio-históricas e a construção contemporânea do conceito de homossexualidade, no enfoque de demonstrar o movimento de patologização feito sobre essa e outras sexualidades não heterossexuais. Em seguida, será aprofundado o fenômeno da homofobia e como ele está presente de forma ampla e complexa na sociedade. Após a elucidação desses pontos, o estudo conceitualizará a homofobia internalizada e seus possíveis impactos em pessoas homossexuais, bem como tecerá reflexões sobre a contribuição e o papel ético da Psicologia.

Desenvolvimento

Um dos reflexos da homofobia e que, muitas vezes, é negligenciado nas discussões sobre o tema é a homofobia internalizada, foco desta pesquisa. Os atos homofóbicos são demonstrados em diversas tentativas de coerção e até mesmo aniquilação da existência de sexualidades não heterossexuais, em consequência disso, são tecidas diversas narrativas que rejeitam e inferiorizam a homossexualidade (Borrillo, 2010). Na sobrevivência perante essas hostilidades, muitos homossexuais acabam por assimilar tais discursos como se fossem seus, sem crítica ou juízo prévio e direcioná-los para si. Surgem então uma série de conflitos existenciais que poderão repercutir em diversos aspectos da vida de pessoas homossexuais, manifestados em tentativas de adequação da própria sexualidade, nos sentimentos de incompletude, na autopunição e até mesmo no autoextermínio, entre outros pontos (Antunes, 2016; Carvalho e Menezes, 2021; Castañeda, 2007).

À vista disso, a homofobia internalizada pode ser entendida como uma expressão do ódio de uma sociedade homofóbica ou, ainda, exemplo de como os preconceitos podem influenciar na subjetivação dos indivíduos. O que se pretende com este estudo é facilitar a compreensão sobre a temática. Assim, o ponto inicial a ser entendido se refere aos discursos e relações estabelecidas histórica e socialmente sobre a homossexualidade.

Análise sócio-histórica sobre a homossexualidade

Por meio de três recortes históricos importantes no mundo ocidental – Antiguidade grega, Idade Média e Modernidade – será apresentada a construção do conceito contemporâneo de homossexualidade e sobre seu processo de patologização. A proposta é reconstituir uma revisão que vá ao encontro da concepção de Colin Spencer, ou seja, de que “a homossexualidade não deveria ser explicada, *ela apenas existe*. O que precisa ser investigado é a opinião que as várias sociedades sempre tiveram sobre ela” (Spencer, 1996, p. 10, grifo do

autor). Assim, esse primeiro entendimento sobre a homossexualidade é basilar para o aprofundamento sobre a homofobia internalizada.

Segundo Spencer (1996), o que se entende na contemporaneidade por homossexualidade não é o mesmo que na Antiguidade. O autor demonstra que não se encontra nos idiomas antigos como o grego, siríaco, aramaico ou hebreu nenhuma palavra que signifique homossexual, embora, “a ideia de amor ou relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo fosse ocasionalmente mencionada” (Spencer, 1996, p. 58). No contexto da Grécia Antiga, “desejar um homem ou uma mulher era fruto unicamente do ‘apetite’ [...] qualquer que seja seu sexo” (Oliveira, 2011, *apud* César, 2013, p. 35-36). Alguns autores apontam que as relações entre pessoas do mesmo sexo eram normalizadas na sociedade, sendo a bissexualidade naturalizada e incentivada socialmente (Antunes, 2016; César, 2013; Faro, 2015; Spencer, 1996). As relações ditas “homossexuais” naquela época eram diferentes de como conhecemos atualmente, assim é mister diferenciar os termos:

Existe, atualmente um consenso entre os historiadores em nomear o amor grego homossexual de *homofilia* (*homo*=o mesmo; *filia* = amizade), que é relativo à amizade entre pessoas do mesmo sexo, justamente para não se cometer o risco de confundi-lo com o significado historicamente construído para qualquer prática homossexual (ALEXANDRINO, 2021, p. 22, grifos do autor).

Antunes (2016) descreve que entre os gregos a *homofilia* tinha um viés educacional denominado pederastia, cuja etimologia é *pais*, do grego, “menino” e *eran*, “amor/afeição sensual”, assim, afeição sensual por meninos, que atualmente passou a ser sinônimo de pedofilia, abuso de crianças, e homossexualidade, sexo entre homens. As práticas eram permitidas, mas existiam normas para controlar os excessos e preservar a ordem social, para não tornar os cidadãos governados pelos prazeres (Antunes, 2016; Spencer, 1996). Assim, a sociedade grega definia os papéis de ativo para os homens mais velhos, sendo um reflexo de poder e dominação. Em contrapartida havia o passivo, jovens rapazes, escravos e mulheres, aqueles que não tinham prestígio social e nem eram vistos como cidadãos (Alexandrino, 2021; Antunes, 2016; Spencer, 1996). No entanto, as regulamentações sociais eram constantemente infringidas e as relações entre dois homens adultos permaneciam comuns (Spencer, 1996).

Se na sociedade da Grécia Antiga a *homofilia* era parte constitutiva e indispensável na vida dos indivíduos, na Idade Média houve uma modificação de paradigmas (Borrillo, 2010). A moral medieval sobre a sexualidade recebeu influências do pensamento judaico-cristão, assim, qualquer prática sexual sem fins reprodutivos passou a ser vista como heresia e pecado, evoluindo para algo não natural, justificando-se na impossibilidade de reprodução humana nessas relações (Antunes, 2016; Borrillo, 2010; Spencer, 1996). Nesse contexto, cunha-se o termo sodomia³ que “traduzia todos os atos sexuais de qualquer tipo, entre pessoas dos dois sexos, que não fossem a penetração vaginal” (Spencer, 1996, p. 57). Com o tempo, a sodomia passaria a significar apenas as relações entre homens.

Outros novos paradigmas foram paulatinamente introduzidos pela Igreja na sociedade, como hostilidade contra a bissexualidade (Spencer, 1996) e a defesa do sexo unicamente dentro do casamento (Antunes, 2016). No entanto, apesar das modificações e regulações na Idade Média, as relações entre pessoas do mesmo sexo faziam parte do cotidiano das pessoas, até mesmo entre o clero a sodomia era comum (Faro, 2015; Spencer, 1996). O período medieval foi marcado por regras rígidas sobre a sexualidade que, no entanto, não foram suficientes para extinguir as práticas, mas as levaram à clandestinidade (Spencer, 1996).

Com a Modernidade, o poder da Igreja, a partir do século XVII, começou a ser questionado, o que deu lugar aos pensamentos filosóficos e científicos (Alexandrino, 2021). Nessa perspectiva, houve modificações substanciais no pensamento sobre as sexualidades, o que antes era pecado, foi transformado em doença, distúrbio ou desvios psiquiátricos que herdaram toda a repressão e a hostilidade construídas historicamente (Alexandrino, 2021; Antunes, 2016). Esses conceitos contribuíram para uma nova concepção da sociedade sobre as possíveis sexualidades.

Sob essas perspectivas emergentes, no início da contemporaneidade surgem os termos homossexual, homossexualismo e homossexualidade, os quais derivam das palavras do grego *homo* que significa “o mesmo”, “semelhante”; do latim *sexus*, “sexo” e com o sufixo *dade*, “o modo de ser” e “ismo” que nessa conotação

³A definição de sodomia vem da interpretação tardia do texto de Gêneses sobre Sodoma e Gomorra que deduz ser o crime das cidades o sexo entre homens, porém, segundo estudiosos da área, essa interpretação está equivocada: a punição divina era decorrente da hostilidade aos visitantes e não sobre as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo (Antunes, 2016; Spencer, 1996).

assumiria um sentido patológico (Antunes, 2016). Por consequência disso, surge uma nova forma de nomear e se relacionar, como é apontado por Antunes (2016, p. 42), “antes do século XIX, o que se havia era somente a prática da sodomia, e não a figura do sodomita. A orientação do desejo afetivo sexual passa a definir a identidade total de um sujeito”. Tal acontecimento foi basilar para a designação da heterossexualidade como superior, normal e sadia em detrimento da homossexualidade como inferior, anormal e pervertida (Alexandrino, 2021; Antunes, 2016; Borrillo, 2010).

Diante dos estudos apresentados, é possível identificar que a homossexualidade é uma construção da contemporaneidade e que as relações e definições de outras sociedades no passado são distintas dessas que se apresentam atualmente. O que é posto no século XIX fomenta a definição dos corpos, quando a prática e o desejo sexual são utilizados para caracterizar a personalidade e a identidade dos sujeitos (Antunes, 2016). Esse novo paradigma divide toda a humanidade entre homossexuais e heterossexuais, atribuindo aos primeiros um lugar de abjeção e exclusão (Spencer, 1996). Tal configuração contribuiu para a rejeição da homossexualidade por meio de variadas formas de hostilidades homofóbicas. No próximo tópico pretende-se elucidar como o fenômeno da homofobia se apresenta e se configura como mecanismo de opressão e mantenedor da valorização da heterossexualidade.

As múltiplas facetas da homofobia

Como foi explicado anteriormente, as relações das sociedades com a homossexualidade, em períodos distintos, alteraram-se consideravelmente e influenciaram significativamente as concepções atuais sobre ela. A construção de uma hierarquização entre as sexualidades e a classificação das pessoas por suas condutas sexuais contribuíram para o surgimento da rejeição e das hostilidades contra a homossexualidade (Borrillo, 2010; Castañeda, 2007; Spencer, 1996). O objetivo de aprofundar no conceito de homofobia é clarificar como tal fenômeno está presente na sociedade contemporânea para, desse modo, embasar o entendimento e análise dos impactos de sua internalização em pessoas homossexuais.

Para este estudo se fez uso de contribuições importantes de alguns autores, não obstante se optou por fazer uso principal da perspectiva de Daniel Borrillo, que é referência sobre a temática. Destaca-se que Borrillo (2010), por uma questão didática, adota o termo homofobia como uma forma de abranger conjuntamente outras hostilidades e preconceitos⁴. Consoante a Castañeda (2007, p. 143), “se não existe uma definição única da homossexualidade, também não há da homofobia”, o autor defende que esse preconceito não se mostra apenas de uma forma na sociedade e destaca que ele é um “fenômeno complexo e variado” (Borrillo, 2010, p. 16), e amplia as concepções e definições sobre o conceito.

O termo homofobia deriva da junção de duas palavras gregas, *homo*, que significa o mesmo ou o semelhante, e *phobos*, que significa medo, aversão ou repulsa de algo, falta de tolerância (Antunes, 2016). Foi criada para definir a agressão, aversão ou rejeição de estar no mesmo ambiente que homossexuais (Borrillo, 2010; Castañeda, 2007). Borrillo (2010) define essa primeira concepção como Homofobia Irracional, que possui causas semelhantes a outras fobias, como a claustrofobia: apreensão de estar em ambientes fechados, ou a zoofobia: medo de estar próximo de certos animais. Entretanto, devido à complexidade do fenômeno, tal definição se tornou insuficiente na contemporaneidade, por não justificar outras formas de discriminação cotidianas e eufemísticas, que se entrelaçavam no âmbito social (Borrillo, 2010).

Partindo do supracitado, Borrillo (2010) apresenta duas outras definições acerca da homofobia: afetiva e cognitiva. A Homofobia Afetiva, de cunho psicológico e individual, caracteriza-se pela condenação e rejeição da homossexualidade. Já a Homofobia Cognitiva, de cunho social, prega a sua tolerância, mas frisa as diferenças entre a homossexualidade e a heterossexualidade, colocando-a em situação inferior e negando aos homossexuais, sob justificativa dessa diferença, os mesmos direitos que os heterossexuais, configurando uma lógica segregacionista (Borrillo, 2010). O autor destaca que essas formas de homofobia,

⁴ De acordo com o autor, o termo que melhor atenderia sobre a hostilidade contra os homossexuais masculinos seria “gayfobia”, bem como às lésbicas, “lesbofobia”; aos bissexuais, “bifobia”, ou ainda aos transsexuais e travestis, “transfobia”. Sendo o uso de homofobia apenas por economia de palavras (Borrillo, 2010, p. 23).

Podem funcionar distintamente e existir de maneira autônoma. Assim, é possível não experimentar qualquer sentimento de rejeição em relação a homossexuais (e até mesmo ter simpatia por eles/as) e, no entanto, considerar que ele/ elas não merecem ser tratados/as de maneira igualitária (BORRILLO, 2010, p. 87).

Essas distinções sobre as homofobias corroboram para o entendimento das manifestações das hostilidades para com os homossexuais, não obstante, Borrillo (2010) aponta que a complexidade do fenômeno exige mais explanações. Desse modo, o autor faz a distinção entre Homofobia Específica e Homofobia Geral. A primeira diz respeito àquelas formas de intolerância direcionadas especificamente aos gays e às lésbicas. A segunda inaugura uma perspectiva ampliada e social desse preconceito, a qual permite entender que os seus efeitos não se restringem apenas às homossexualidades. Essa última, segue uma lógica de policiamento do gênero e manutenção da norma heterossexual e denuncia “os desvios e deslizos do masculino em direção ao feminino e vice-versa” (Borrillo, 2010, p. 26). Essa perspectiva possibilita entender como a homofobia é um fenômeno de viés social que afeta um grande número de pessoas.

Eis por que os homossexuais deixaram de ser as únicas vítimas da violência homofóbica, que acaba visando, igualmente, todos aqueles que não aderem à ordem clássica dos gêneros: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais dotadas de forte personalidade, homens heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade (BORRILLO, 2010, p. 16).

A causa de todas essas formas de hostilidade está presente na concepção engendrada de uma ordem sexual que organiza “as relações sociais entre os sexos e as sexualidades” (Borrillo, 2010, p. 30). O autor denomina essa ordem como heterossexismo, que é um modelo de dominação o qual passa a “fabricar diferenças para justificar a exclusão de uns e a promoção dos outros” (Borrillo, 2010, p. 38). A lógica heterossexista defende a ideia da heterossexualidade como superior e norma, destinada à valorização social e servindo de parâmetro para analisar as demais e, por conseguinte, “todas as outras formas de sexualidade são consideradas, na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas; e, na pior, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização” (Borrillo, 2010, p. 31). Isso vai ao encontro da concepção de Carvalho e Menezes (2021) que, ao analisarem a homofobia, consideram que o fenômeno vai além da repulsa da homossexualidade:

A homofobia pode ser compreendida não como a versão repulsa a homossexuais, mas como o temor de que a identidade homossexual possa ser reconhecida ou valorizada socialmente. A homofobia é uma angústia diante do desaparecimento das fronteiras e hierarquias que institucionalizam a heterossexualidade como norma (Carvalho e Menezes, 2021, p. 24).

Uma das influências do heterossexismo na constituição da hostilidade homofóbica está presente na dicotomia entre os sexos e as orientações sexuais: “ser homem é, em primeiro lugar e antes de mais nada, não ser mulher; além disso, ser heterossexual implica, necessariamente, não ser homossexual” (Borrillo, 2010, p. 33). Pode-se entender que essa negação do outro, junto à preferência do modelo hétero, são fundamentos de um processo de inferiorização e tentativas de aniquilamento da homossexualidade (Borrillo, 2010). “O objetivo perseguido consiste sempre em desumanizar o outro, em torná-lo inexoravelmente diferente” (Borrillo, 2010, p. 35), assim, o heterossexismo funda a homofobia e faz do sujeito homossexual objeto de desprezo, segregação e digno de eliminação por meio da desumanização.

Nesse contexto, serão construídos e transmitidos estereótipos que reforçam a hegemonia heterossexual e banalizam a homossexualidade. Antunes (2016, p. 102) define estereótipo como uma “ideia ou convicção classificatória preconcebida sobre alguém ou algo, resultante de expectativa, hábitos de julgamento ou falsas generalizações”, isso tece narrativas que reduzem a homossexualidade e os homossexuais a caricaturas pejorativas e dissonantes da realidade. Em uma sociedade perpassada pelo heterossexismo e homofobia, os estereótipos são construídos para confirmar ou justificar tais discursos, assim esses indivíduos são estigmatizados como indivíduos solitários, sem família ou filhos, destinados ao isolamento ou ainda propagadores do HIV, vírus da imunodeficiência humana, e outras infecções sexualmente transmissíveis (Antunes, 2016; Borrillo, 2010). Isso, segundo Borrillo (2010), afeta consideravelmente a subjetividade a ponto de induzir nas pessoas a rejeições da própria homossexualidade.

Diante do exposto, na contemporaneidade, destaca-se a homofobia como fenômeno estruturado socialmente de forma ampla e complexa. Como apresentado, foi engendrada uma imagem estigmatizada acerca da homossexualidade, que serviu de fundamento para diversas tentativas de aniquilação dessa sexualidade. Isso pode estar relacionado, pela lógica de Foucault, aos mecanismos de interdição e censura, os

quais procuram controlar o sexo e os corpos por meio das tentativas de silenciamento, das proibições e ameaças ou atos punitivos (Foucault, 2023). A partir de tal leitura, faz-se necessário o entendimento desses impactos nos indivíduos, podendo ocorrer um movimento de internalização dos preconceitos e discursos que embasam, em pessoas homossexuais, um conflito existencial de rejeição de si mesmo e dificuldades de experienciar a própria sexualidade.

Homofobia internalizada: a hostilidade do homossexual contra si mesmo

Antes de um aprofundamento nos efeitos da homofobia internalizada, pontua-se que ela se apresenta de forma subjetiva e que embora haja uma variabilidade de sintomas, não necessariamente todos estarão presentes nos homossexuais que sofrem com tal fenômeno (Antunes, 2016). Ademais, o objetivo não é esgotar todas as manifestações da internalização da homofobia, mas, sim, apresentar e discorrer sobre alguns pontos cruciais que impactam a vida afetiva e as possíveis sexualidades das pessoas. A partir dos estudos supracitados, pode-se entender que a homofobia insere suas opressões nos âmbitos individual e coletivo. Isso colabora para a construção de uma sociedade hostil e preconceituosa contra homossexuais, o que muitas vezes é naturalizado na vida dessas pessoas (Borrillo, 2010). Diante da violência, é compreensível que essas pessoas estejam suscetíveis a lançarem as violências externas contra si mesmas.

No processo de socialização, Antunes (2016) apresenta que os indivíduos acabam por internalizar regras, valores, crenças, condutas e demais concepções do grupo em que estão inseridos. Para o autor, internalizar seria a assimilação e adoção de ideias e concepções do meio social ao ponto de se tornarem próprias do sujeito, ato feito geralmente sem uma análise ou críticas prévias. Considerando que isso pode ocorrer sobre todas as normas do grupo, a homofobia, o heterossexismo e as construções negativas sobre a homossexualidade também serão internalizados pelas pessoas. Castañeda (2007) vai além ao esclarecer esse fenômeno e demonstra a naturalização do preconceito:

O que acontece quando uma pessoa é exposta, desde sempre, a certa ideia? Acaba por interiorizá-la: tornar-se a sua, adota-a que acabam por fazer parte de sua educação. Assim, a homofobia tornar-se “natural”: tornar-se um valor implícito e inconsciente, gerando reações imediatas, automáticas e, aparentemente, instintivas (Castañeda, 2007, p. 146).

A homofobia internalizada pode ser entendida como a assimilação do preconceito e seu direcionamento contra si mesmo. Ela acontece independentemente das orientações dos desejos afetivos sexuais dos sujeitos, porém, cumprirá papéis diferentes entre eles (Antunes, 2016; Castañeda, 2007). Nos heterossexuais, segundo Castañeda (2007), apesar de levar a atos de hostilidade e preconceito, a homofobia cumpre funções importantes em legitimar a própria sexualidade e possibilitar sentimentos de superioridade moral. Nos homossexuais, conforme a autora, a homofobia internalizada irá desenvolver um papel muito diferente, viabilizando um movimento de depreciação e rejeição de si próprio.

A homofobia internalizada gera marcas profundas nos aspectos da vida de pessoas homossexuais. Esse fenômeno impacta as percepções que o indivíduo tem de si mesmo, dos outros, sobre seus planos e visão de mundo, sendo, provavelmente, a diferença subjetiva mais significativa entre a homossexualidade e a heterossexualidade (Castañeda, 2007). Tais circunstâncias podem implicar diversos conflitos existenciais, que perpassam pela dicotomia entre “o que as pessoas pensam que deveriam ser (heterossexuais) e como eles experimentam sua própria sexualidade (como homossexuais ou bissexuais)” (Antunes, 2016, p. 131). Sob influência da homofobia internalizada, muitos homossexuais entram em diversas tentativas de adequação da própria sexualidade ao padrão heterossexista imposto, a exemplo disso, alguns podem se direcionar para um relacionamento ou até mesmo ao casamento heterossexual, como forma de ajustar-se à ordem social estabelecida (Antunes, 2016).

Segundo Castañeda (2007), embora haja uma grande variabilidade de como se dará e se manifestará o fenômeno, a homofobia internalizada poderá se manter de forma perene ao longo da vida dos homossexuais. Por consequência, a rejeição de si, dos próprios desejos afetivos sexuais e tentativas de adequação à norma estabelecida, coloca os homossexuais suscetíveis a situações de sofrimento mental, prejuízos relacionais e sociais, podendo levar, em casos extremos, ao autoextermínio (Antunes, 2016; Borrillo, 2010; Carvalho e Menezes, 2021; CFP 2023; Castañeda, 2007). Sobre esse último ponto, Antunes (2016) demonstra que devido as suas possíveis influências nas relações sociais, na autoestima, nos conflitos familiares e demais pontos, os homossexuais podem se encontrar vulnerabilizados e terem pensamentos, tentativas ou mesmo cometerem

o ato de tirar a própria vida.

Muitas manifestações podem surgir em decorrência do fenômeno. Para Castañeda (2016, p. 152), “a visão da homossexualidade como um fracasso, uma limitação ou um defeito pode ressoar neles de muitas formas, em diferentes níveis”, nessa perspectiva, a autora discorre sobre a sensação que os homossexuais possuem de estar em desvantagem em relação aos heterossexuais. Manifestações como uma autoimagem empobrecida, desvalorização de si e sensações de insuficiência perante os outros, podem ser comuns. Segundo Antunes (2016), dependendo da forma como os sujeitos lidam com a homofobia internalizada, ainda poderá surgir sentimentos de vergonha de si e da própria sexualidade, com tentativas constantes de negar os seus desejos e sentimentos homossexuais. Castañeda (2007) alerta que essa rejeição constante dos próprios sentimentos e desejos acaba repercutindo sobre todos os aspectos afetivos e emocionais do sujeito:

Essa rejeição das emoções, dos desejos e das necessidades em si mesmos pode se generalizar e se estender a toda a vida afetiva, e não somente ao amor e à sexualidade. Uma pessoa que questiona ou que reprime desde sempre aquilo que surge nela espontaneamente pode chegar a desconfiar de todos os seus desejos e sentimentos (Castañeda, 2007, p. 149).

Os homossexuais por estarem vulnerabilizados devido à exposição aos discursos homofóbicos desde os primeiros anos de vida, também poderão expressar esses sentimentos (Borrillo, 2010; Castañeda, 2007). Para Antunes (2016), a homofobia internalizada poderá levar algumas dessas pessoas a terem atitudes de menosprezo ou repugnância contra outros homossexuais, em geral, com membros mais ativos na comunidade LGBTQIA+ ou aqueles que se encontram no início da assunção da sua homossexualidade. Esses atos, sobretudo, em casos com reações homofóbicas mais violentas, para Borrillo (2010, p. 97), provêm “de pessoas que lutam contra seus próprios desejos homossexuais”.

Sobre essa questão, Borrillo (2010) mostra algumas explicações psicológicas para a homofobia. A hostilidade homofóbica “é uma manifestação do ódio de si mesmo ou, melhor dizendo, da parte homossexual de si que o indivíduo teria vontade de eliminar” (Borrillo, 2010, p. 97). Essa perspectiva evidencia o entendimento psicológico acerca do sujeito homofóbico, que possuiria um conflito interno de repressão de seus desejos homossexuais. Assim, lembra-nos o autor, “o homossexual colocaria o homofóbico diante de sua própria homossexualidade experimentada como intolerável” (Borrillo, 2010, p. 97), e por estar diante de seus desejos e sentimentos homossexuais que, por uma interdição da cultura, são impossibilitados de serem concretizados, transformariam-se em hostilidade para com aqueles que vivem a homossexualidade (Borrillo, 2010, p. 97-100). Ou seja, nesta perspectiva, os homofóbicos vivenciam um conflito contraditório entre a impossibilidade de dar vazão ao desejo interditado e a condição do outro – homossexual – que se propõe a um movimento interno direcionado à externalização de sua sexualidade. Essa proposta não se trata, no entanto, de responsabilizar homossexuais pela violência sofrida, mas, sim, propor uma compreensão psicológica acerca da hostilidade do homofóbico.

Outra repercussão da homofobia internalizada na vida dos homossexuais é referente aos relacionamentos interpessoais e a busca de aprovação. Castañeda (2007, p. 152, grifo da autora) descreve que a “sensação difusa de inferioridade ou de insuficiência pode provocar um esforço contínuo para compensar o “defeito” da homossexualidade em outras áreas da vida”. Isso se daria por uma série de tentativas para obter a aceitação e cumprir os padrões estabelecidos socialmente. Nessa busca, muitos homossexuais se tornam demasiadamente bons, estabelecendo limites interpessoais frágeis, o que dificulta a afirmação ou defesa das próprias necessidades (Castañeda, 2007). Essa situação influencia diretamente nos relacionamentos.

As consequências do fenômeno se estendem também para as questões conjugais. Antunes (2016) propõe que alguns casais homossexuais podem encontrar dificuldades para se constituírem como tal. Para o autor, há uma questão externa presente, como a pouca referência de outros casais homossexuais promissores e escasso apoio familiar decorrente do preconceito, no entanto, enfatiza que a homofobia internalizada se soma a esses fatores e dificulta a experiência enquanto casal. O que é ilustrado por Castañeda (2007), quando a autora descreve que muitos homossexuais, com grau elevado de homofobia internalizada, podem ter dificuldade em expressar seus sentimentos de afeto e amor por outra pessoa do mesmo sexo. Isso, segundo a autora, além de levar a dificuldades no relacionamento entre o casal, pode produzir uma situação de normalização do desprezo, exclusão ou desconsideração por parte de algum familiar sobre o parceiro.

Cabe salientar que há ainda muitas outras formas de manifestação da homofobia internalizada, no entanto, seria inviável, devido aos limites do presente estudo, discorrer sobre todas as suas implicações. Não

obstante, os pontos apresentados foram escolhidos no esforço em apresentar um parâmetro geral do fenômeno. Destaca-se a necessidade de que os psicólogos conheçam e considerem as possíveis influências da homofobia internalizada nos atendimentos às pessoas homossexuais, cuidando para não reforçar a patologização das sexualidades e oportunizar o rompimento com a hostilidade homofóbica.

Atravessamentos éticos em psicoterapia

Os impactos da homofobia internalizada discutidos anteriormente não têm por finalidade limitar a compreensão da homossexualidade pela ótica do sofrimento e repressões sociais. Pelo contrário, é importante ressaltar que as pessoas são dotadas de potencialidades, “são corpos que têm potência, resistem e persistem em viver apesar da estrutura LGBTQIA+ fóbica na qual estamos inseridos” (CFP, 2023, p. 85-86). No entanto, sublinha-se que foi necessário clarificar como os fenômenos sociais discriminatórios podem repercutir na saúde mental dessas pessoas, para a construção de uma compreensão ampliada que embase o atendimento em psicologia. Doravante, por meio de recortes da literatura científica e das orientações do Conselho Federal de Psicologia (CFP), serão apresentadas reflexões sobre a atuação e contribuição da psicologia no acolhimento ao sofrimento psíquico decorrente da homofobia internalizada.

Consoante a Carvalho e Menezes (2021, p. 13), “nunca é demais ressaltar que não há cura para aquilo que não é doença”, o CFP, por meio da resolução nº01/1999, não permite aos profissionais que atuam como psicólogos(as) no Brasil quaisquer práticas que atuem em uma perspectiva de cura ou reversão das homossexualidades (CFP, 1999). Nesse sentido, a proposta ética da psicologia é trabalhar em um viés de despatologização das homossexualidades, sem imposições ou julgamentos morais e de valores, no enfrentamento e contribuição para a eliminação das formas de preconceito, opressão e violência contra homossexuais (CFP, 1999, 2005, 2023). Para tanto, é necessário a escuta do sofrimento psíquico e compreensão de que ele não provém da sexualidade do indivíduo, mas, sim, de uma complexa estrutura social de homofobia que qualifica as sexualidades não heterossexuais como anormais e patológicas (CFP, 2023). Na presença da Referência Técnica para a atuação dos psicólogos no atendimento à população LGBTQIA+, destaca-se:

O sofrimento psíquico é fruto de uma complexa rede que conecta fatores ambientais, políticos, tecnológicos e socioculturais, que atuam nas pessoas cotidianamente. [...] Desse modo, a Psicologia não restringe às condições subjetivas ao indivíduo, abordando sempre os aspectos sociais e históricos que produzem os nossos modos de ser (Conselho Federal de Psicologia, 2023, p. 36).

O Conselho Federal de Psicologia, por meio do Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas, deixa claro que “não existem respostas protocolares para todas as demandas desta população” (CFP, 2023, p. 86), o que deve ser feito pelo profissional é atentar para seu trabalho realizado e as singularidades das pessoas. Em consonância a essa postura, Castañeda (2007, p. 167) alerta que muitos psicólogos, “sob um véu da neutralidade e de um saber supostamente especializado”, podem permitir que sua homofobia interfira na relação terapêutica. Assim, a autora preconiza a necessidade de que os terapeutas se desvinculem de seus preconceitos e adotem uma postura de estudos e pesquisas no campo das sexualidades, isso para a prevenção e tomada de consciência acerca de atitudes e interpretações que perpetuem a homofobia e outras hostilidades.

Sobre uma análise da atuação profissional, para a autora a diferença principal que define se uma atitude psicoterapêutica é homofóbica ou não reside na “interpretação da psicopatologia e nos seus critérios diagnósticos. Para um terapeuta homofóbico, o diagnóstico sempre será a homossexualidade” (Castañeda, 2007, p. 168). Desse modo, é apresentado um paralelo entre atitudes que seriam éticas, fundamentadas pelo acolhimento, que conceitua a homossexualidade como parte da personalidade e vida do sujeito, em contrapartida aos posicionamentos que consideram a homossexualidade como desviante, abjeta e psicopatológica. O psicólogo deve atentar para assumir sempre a postura ética da profissão.

Castañeda (2007) apresenta ainda que não se deve isolar a homossexualidade da identidade da pessoa atendida, ou seja, que no atendimento psicoterapêutico, as pessoas homossexuais devem ser vistas de forma integral. Para a autora, o terapeuta atento às particularidades da homossexualidade promoverá um atendimento que amplia os sentidos e a compreensão acerca das experiências do sujeito sobre sua homossexualidade, “desde seus primeiros desejos e experiências, até a explicação e a concepção que ele tem disso atualmente” (Castañeda, 2007, p. 169). O objetivo, como aponta, “não é de viver feliz apesar da

homossexualidade, mas, de fato, graças à homossexualidade” (Castañeda (2007 p. 169). Nesse sentido, as intervenções poderão ser direcionadas para a construção de novas narrativas e visões próprias do sujeito acerca de si mesmo, em um movimento que o integre aos aspectos de sua sexualidade.

Diante do exposto, é preciso considerar as formas de homofobia internalizadas como fenômenos que podem estar presentes nos conflitos dos indivíduos. O psicoterapeuta, quando for o caso, deve nortear o sujeito para uma tomada de consciência sobre os efeitos de sua homofobia internalizada na construção de sua identidade, levando-o a identificar os motivos que o conduziram a encobrir ou negar sentimentos e desejos homossexuais (Castañeda, 2007). Nessa lógica, o CFP (2023) apresenta dois pontos de grande importância para a atuação profissional, a saber: o acolhimento ao sofrimento e uma escuta que fortaleça a singularidade e a identidade do indivíduo sobre sua orientação afetivo sexual. Isso, balizado por uma postura ética que trabalhe e auxilie no tempo próprio de cada pessoa, com respeito a sua singularidade e individualidade.

Considerações Finais

No decorrer deste estudo observou-se que a homofobia internalizada afeta consideravelmente a forma como as pessoas homossexuais constroem sua identidade e estabelecem suas relações sociais. Tais influências podem ocasionar sentimentos de inferioridade, insuficiência, necessidade de aprovação social, negação e inadequação dos próprios desejos, o que pode trazer sofrimento psíquico e dificuldades interrelacionais. Ademais, foi possível compreender que o fenômeno provém de uma ampla e complexa presença social da homofobia, que, por sua vez, é produto de transformações e construções sócio-históricas induzidas pelo heterossexismo.

Por meio das investigações teóricas, identificou-se a significativa contribuição da Psicologia no acolhimento ao sofrimento apresentado, na percepção e no manejo dos impactos da homofobia internalizada em homossexuais. Constatou-se, ainda, a importância em se estabelecer um contínuo movimento que facilite a construção de uma nova visão sobre a homossexualidade, não no sentido de apontar a homossexualidade como um traço, mas sim, como sua constituição subjetiva.

Nesse sentido, vale destacar que o profissional deve se posicionar contra todas as práticas estigmatizantes e excludentes que corroboram para atitudes homofóbicas, quando, por uma transgressão do psicólogo, podem comprometer a integridade do outro. Tal demanda de atuação exigirá que o psicoterapeuta esteja em consonância às normativas e reflexões éticas da profissão, em estudos continuados, além de manter sua supervisão e terapia. Isso para tornar consciente possíveis tabus, preconceitos, valores morais que interferem em uma escuta orientada na ética e no método clínico que norteie sua prática.

Este estudo procurou fazer apenas uma discussão prévia sobre os impactos da homofobia internalizada no intuito de compreender a contribuição da Psicologia diante desses atravessamentos. Assim, para possibilitar apontamentos sobre novas investigações, vale sublinhar algumas limitações enfrentadas. Pontua-se que, em decorrência ao modelo de pesquisa bibliográfica adotado e ao prazo determinado para a conclusão do artigo, não foi possível aplicar a teoria abordada em campo. Junto a isso, em razão dos materiais disponíveis trataram majoritariamente de questões voltadas para a atuação em psicoterapia, constatou-se uma lacuna no entendimento das possíveis contribuições de outras especialidades da Psicologia para a superação da homofobia internalizada.

Diante do exposto, sugere-se que estudos posteriores possam se interessar por essa temática, sobretudo na aplicação da teoria em campo e na formulação de novas perspectivas de atuação. Não obstante, o presente artigo tem como intenção se posicionar como recurso teórico útil para a compreensão acerca da homofobia internalizada e o manejo clínico em Psicologia. Espera-se, ademais, que as contribuições presentes possam ser utilizadas para a elaboração de novas contribuições sobre o fenômeno e na eliminação das formas de hostilidade e preconceito.

Referências

ALEXANDRINO, R. *A suposta homossexualidade*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2021.

ANTUNES, P. P. S. *Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo*. 2016. 433 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17142>. Acesso em: 22 set. 2025.

BORRILLO, D. *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CARVALHO, M. F. L.; MENEZES, M. S. *Violência e Saúde na Vida de Pessoas LGBTI*. 1 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. Não possui DOI, livro físico.

CASTAÑEDA, M. A *Experiência Homossexual: explicações e conselhos para homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. 1. ed. São Paulo: A Girafa, 2007.

CÉSAR, M. C. *Entre a cruz e o arco-íris: a complexa relação dos cristãos com a homoafetividade*. 1 ed. Belo Horizonte: Gutenberg, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Código de ética profissional do psicólogo*. Brasília: CFP, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Referências técnicas para atuação de psicólogas, psicólogos e psicólogos em políticas públicas para população LGBTQIA+*. Brasília: CFP, 2023. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/RT_LGBT_crepop_Web.pdf. Acesso em: 11 jun. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Resolução CFP nº001/1999, de 22 de março de 1999*. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Brasília, DF: 1999. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: 11 jun. 2024.

FARO, J. P. Uma nota sobre a homossexualidade na história. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 124-129, abr. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 maio 2024.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

SPENCER, C. *Homossexualidade: uma história*. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Recebido em: 25/02/2025

Aprovado em: 26/08/2025